

A escuta sensível e a edição solidária como conceitos-chave de uma pesquisa-formação com professoras de Biologia

Gustavo Lopes Ferreira¹
Maria Luiza de Araújo Gastal²

Resumo: Apresentamos aspectos metodológicos de uma pesquisa de doutorado sobre a formação de professores de Ciências e Biologia em um Instituto Federal do Centro-Oeste brasileiro. Ao longo do estudo de abordagem (auto) biográfica desenvolvemos um dispositivo de pesquisa-formação, por meio de um grupo de trabalho constituído por seis professoras formadas na licenciatura em Ciências Biológicas. Os dados foram construídos em narrativas orais e escritas, individual e coletivamente produzidas pelas participantes. Percorremos três dinâmicas de um trabalho biográfico, permeadas pelos conceitos de escuta sensível e edição solidária. As dinâmicas foram desenvolvidas em sete encontros em que colocamos em ação os infinitivos ler, escutar, conversar, escrever, editar e reescrever. Junto à edição das narrativas autobiográficas houve a abertura para a escuta sensível como condição para se chegar a conhecer uns aos outros, na sua complexidade, e desta forma, ajudar o outro a contar mais sobre sua história, guiada pela edição solidária proposta pelo grupo.

Palavras chave: Abordagem (Auto)Biográfica, Narrativas Autobiográficas, Formação de Professores de Biologia

1 Professor do IF Goiano; Doutorando do PPGEduc/UnB, gustavolofer@gmail.com;

2 Professora do PPGEduc/UnB, malugastal@gmail.com;

Apresentação

Neste texto apresentamos aspectos metodológicos de uma pesquisa de doutorado que tem como tema a formação de professores de Ciências e Biologia no âmbito de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) do centro-oeste brasileiro. Ao longo do estudo de abordagem (auto)biográfica desenvolvemos um dispositivo de pesquisa-formação.

A oferta de licenciaturas e formação pedagógica passou a fazer parte das funções dos IFs no ano de 2008 com a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro (BRASIL, 2008). Questionamos: Que contribuições são produzidas por essas instituições na formação de professores de Ciências e Biologia? Que experiências os professores que se formaram nesses locais narram? Em que medida a experiência vivida nos IFs impregnou-se no percurso formativo dos professores?

O IF Goiano – *Campus* Ceres-GO é nosso campo de estudo. Esta instituição é composta por 14 *campi*. O *Campus* Ceres está localizado a 180 km da capital do Estado, Goiânia. Fundada em 1953, a cidade de Ceres está situada na região do centro-norte goiano, possuindo aproximadamente 20.722 habitantes (IBGE, 2010).

Nossa pesquisa se voltou às professoras formadas na licenciatura em Ciências Biológicas no IF Goiano – *Campus* Ceres e às suas experiências vividas durante o curso, buscando compreender a formação de professores pela perspectiva do aprendente, algo próximo do que propõe Josso (2010).

Vinculamo-nos ao movimento que põe em destaque a pessoa e as narrativas dos professores no centro do projeto formativo e investigativo. Sabemos que, “a narratividade se dirige a natureza contextual, específica e complexa dos processos educativos, importando o juízo do professor neste processo, que sempre inclui, além dos aspectos técnicos, dimensões morais, emotivas e políticas” (BOLÍVAR, 2002, p. 7).

Com isso em mente, nos propusemos a investigar a formação das professoras baseados na abordagem (auto)biográfica. Conforme Bragança (2012), esses referenciais reposicionam o papel do sujeito e de sua subjetividade tomando-a como fundamento. Fomos ao encontro de seis ex-estudantes do curso de Ciências Biológicas do IF Goiano – *Campus* Ceres, buscando pelos sentidos de suas experiências vividas no curso de formação inicial. O ponto de partida e chegada foram suas narrativas autobiográficas, produzidas individual e coletivamente no dispositivo de pesquisa-formação.

Neste texto, objetivamos apresentar a escuta sensível e a edição solidária como conceitos-chave para as dinâmicas do grupo de trabalho da

pesquisa, formado pelos pesquisadores e pelas professoras participantes. Ao longo dos encontros, o grupo foi delineando um dispositivo de pesquisa-formação, com dinâmicas próprias, que aqui serão também destacadas.

O dispositivo de pesquisa-formação

O dispositivo de pesquisa-formação foi o instrumento utilizado para construirmos os dados em uma abordagem (auto)biográfica. O dispositivo consistiu na: produção de narrativas orais e escritas; partilha e edição coletiva dessas narrativas no grupo de trabalho; intensa implicação dos pesquisadores com o processo, exercendo o papel de mediadores; e nos questionamentos vindos do ouvir/ler as narrativas.

O aspecto formativo apareceu na reflexão como possibilidade de encorajamento das participantes do grupo em direção a tomarem para si a responsabilidade de sua formação e o compromisso em levarem adiante projetos pessoais e profissionais percebidos ao longo do processo.

Neste dispositivo de pesquisa-formação, na perspectiva de Dominicé (2010), estabelecemos uma relação em que as integrantes foram vistas como coinvestigadoras, analistas de seus processos formativos, o que foi viabilizado pela existência de um coletivo no qual investigadores-investigadas estiveram comprometidos com a formação e a produção de conhecimento.

O grupo de trabalho se encontrou mensalmente, entre maio e dezembro do ano de 2018. Foram momentos presenciais com duração aproximada de duas horas, nas dependências do próprio *Campus* Ceres. Neste grupo, por meio do dispositivo de pesquisa-formação, os dados narrativos foram construídos. Ao longo do dispositivo, as professoras produziram narrativas orais que fora, posteriormente transcritas, resultando em aproximadamente 80 páginas de material. Elas também escreveram, pelo menos duas narrativas com temáticas diferentes.

Os sentidos das histórias narradas emergiram quando as professoras refletiram e se autointerpretaram a partir das suas experiências configuradas narrativamente. Concebemos que a condição primordial para que uma narrativa possa ser interpretada é que seja expressa por meio de um suporte linguístico, seja oral seja escrito. Assim, na dinâmica de construção, partilha e edição das narrativas autobiográficas, a interpretação compareceu constantemente, ela se evidenciou conforme foram aparecendo os elementos da experiência, as visões de mundo, as representações, as práticas, os valores, as crenças, as “lições” que foram tiradas da experiência vivida pelas

professoras seja em sua própria trajetória de vida, seja a vivida no interior do grupo de trabalho.

O grupo de trabalho se pautou, em primeiro plano, pela proposta de Josso (2010). Essa autora toma a atitude reflexiva como força motriz do dispositivo, o qual se desenvolve em três dinâmicas, tidas como grandes etapas do trabalho biográfico. Na próxima sessão esboçamos, os dois conceitos, escuta sensível e edição solidária como balizadores do dispositivo de pesquisa-formação. Em seguida, brevemente, apresentamos as dinâmicas do dispositivo as quais o grupo de trabalho percorreu ao longo dos encontros. Cada dinâmica possui objetivos específicos, que foram trabalhados durante os encontros do grupo.

Escuta sensível e edição solidária - conceitos-chave

A escuta sensível de René Barbier (2007), no âmbito de sua proposta de “pesquisa-ação” e a edição solidária de Lili De La Fuente (2007) desenvolvida no trabalho com “documentação narrativa de experiências pedagógicas”, são conceitos que atravessaram todos os encontros do grupo de trabalho (descritos no próximo item), servindo para balizar o dispositivo de pesquisa-formação.

A escuta sensível no trabalho com as narrativas autobiográficas tem a potencialidade de se exercer algo que tem se perdido nestes tempos, a capacidade de ouvir. Um ouvir sem antecipar qualquer juízo. Trata-se de um ouvir mais empático, na aceitação incondicional do outro, na busca por se colocar no lugar do outro e compreendê-lo no contexto da história narrada.

Para tanto, é preciso que se recuse julgar as pessoas, enquadrando-as em lugares que consideramos por antecipação como o papel a ser representado por ela, é desta forma que, podemos nos deixar levar pelo encontro com o outro, se abrindo ao desconhecido, ao imprevisível. Segundo Barbier (2007), para a escuta sensível, essa atitude de abertura é acompanhada pela presença meditativa (um estado de hiperobservação, de suprema atenção) e de uma atenção dos cinco sentidos por parte do sujeito que ouve/lê.

Consideramos que nessa proposta de escuta sensível de Barbier (2007) a atenção está voltada para a história em sua totalidade, no encadeamento dos acontecimentos a fim de produzir sentido.

A outra ideia posta em cena nos acontecimentos do grupo de trabalho foi a edição solidária, a qual se evidenciou nos momentos em que todos nós participantes passamos para uma prática de indagação mediada pelo texto narrativo, trabalhando coletivamente as narrativas das professoras.

Para De La Fuente (2007), a edição introduz cada um dos participantes em vários papéis, de escritores, de leitores e de ouvintes de narrativas. Requer disposição para buscar sentidos que estão aí, no texto, mas que não foram vistos e que se mostraram, ajudando o outro a encontrar os sentidos que gostaria de transmitir em sua história. Notamos que a edição está intrinsecamente implicada com a escuta sensível, até mesmo, consideramos esta como condição necessária para que uma edição mais solidária seja possível.

De La Fuente (2007) traz algumas pistas de um possível “perfil” de um editor solidário, dizendo que os editores: a) ocupam-se em cuidar das palavras do autor, respeitando o que o outro disse; b) fazem comentários/sugestões, cultivando a habilidade de indagação; c) tomam uma posição distante do texto, buscando compreender o outro por meio de interpelações e perguntas; d) é desejável que cultivem a capacidade de escuta e; e) antes de propor qualquer alteração, respeitem o conteúdo e o estilo do autor.

Resumidamente, apresentamos algumas recomendações para a edição solidária que foram compartilhadas junto ao grupo de trabalho:

1. Editar sem perturbar, diz respeito ao cuidado em não alterar o conteúdo e o estilo do autor, para não afetar o sentido que ele quer transmitir, portanto, busca-se modificar o menos possível frases e orações (DE LA FUENTE, 2007, p. 21);
2. Editar sem dissertar, leva em consideração a relevância da pessoa do editor, por isso, o cuidado na forma como este transmite suas sugestões. Para tanto, o que é proposto na edição é bom que seja feito de forma clara e precisa, por meio de sugestões, sem imposições (DE LA FUENTE, 2007, p. 22);
3. Editar sem sufocar, vai em direção a entender que o editor deve estar disposto a escutar, o que implica dispender energia e sentimentos ao autor. É necessário deixar o autor aparecer e fluir enquanto narra sua história, por isso, cada narrativa deve ser percebida em si mesma, em seu contexto, no estilo do seu autor (DE LA FUENTE, 2007, p. 23);
4. Editar é deixar-se conhecer, nisto está envolvido o estabelecimento de laços de confiança, pois fazer sugestões ao outro é também uma forma de expor-se. Essas relações entre editores e narradores são mediadas pelas narrativas, e assim os sujeitos se tornam mais conhecidos, só que de outra maneira. Por meio da edição, quem edita também se expõe diante do texto do outro e realiza intervenção e deixa marcas na narrativa alheia (DE LA FUENTE, 2007, p. 24-27).

Dinâmicas do dispositivo de pesquisa-formação

Dada a importância da escuta sensível e da edição solidária, já no segundo encontro tais conceitos foram trabalhados, primeiro de modo teórico e depois colocados em prática em todo o funcionamento do dispositivo. A escuta sensível, mais do que um conceito a ser posto em prática, é uma atitude a ser desenvolvida, uma aptidão necessária que precisou ser atendida por todos nós sujeitos envolvidos no grupo de trabalho. Enquanto que, a edição solidária se evidenciou com mais clareza quando o grupo esteve envolvido em escutar/ler as narrativas das professoras, estando empenhadas em ajudarem-se mutuamente a contar aquilo que gostariam de dizer, mais do que isso, foi ajudarem-se a dar sentido ao que narraram.

Deixamos claro que todos as participantes ao se envolverem no grupo de trabalho, e isto nos inclui, foram consideradas potenciais editores solidários. Tornar-se editor foi uma aptidão desenvolvida paulatinamente, nos encontros do grupo, e isto se deu à medida que se dispôs e se abriu para conhecer e compreender o outro através de sua narrativa. Cremos que isto não foi uma meta alcançada por todas as professoras e nem foi esta nossa intenção, a proposta foi que, cada uma a seu modo e por sua implicação se descobrisse como editora.

A prática da edição solidária se desenvolveu na partilha das narrativas autobiográficas e esteve acompanhada por algumas recomendações, extraídas de De La Fuente (2007) e expostas no item anterior. Destacamos que os significados do que é ser um editor solidário e as recomendações para a edição foram compartilhadas e debatidas no grupo de trabalho, logo no início dos encontros e foram sendo reforçadas.

Destacamos que o grupo de trabalho percorreu as diferentes dinâmicas em sete encontros - em alguns deles, houve apenas a execução de uma dinâmica, em outros, as três aconteceram simultaneamente. Em todas as dinâmicas os conceitos de escuta sensível e edição solidária foram fundamentais para o desenvolvimento.

- Dinâmica 1 - A formação em questão:

Nesta dinâmica, a centralidade foi no sujeito que aprende na elaboração de um saber sobre sua formação e as suas aprendizagens. Neste momento as professoras rememoraram livremente fatos, acontecimentos, pessoas, lugares, tempos, espaços significativos para sua vida e formação.

A lembrança foi feita diante da pergunta “Como cheguei até aqui?”. Almejamos por meio dessa pergunta ativar o envolvimento das participantes no sentido de indagar sua própria formação, buscando o que foi formador na sua vida e, traçar o que pode ser a sua narrativa de vida centrada na formação.

No grupo de trabalho de nossa pesquisa, essa dinâmica aconteceu nos encontros em que as professoras produziram oralmente suas narrativas, que serviram de base para as narrativas autobiográficas que foram escritas, sob encomenda.

- Dinâmica 2 – À descoberta da singularidade dos percursos de formação:

Nesta dinâmica, cada participante construiu seu percurso de formação e escreveu sua narrativa, de forma livre. Antecedendo à escrita tivemos a produção de narrativas orais, conforme descrevemos anteriormente. Estes momentos foram necessários para a mobilização das recordações e para a seleção e ordenação em um *continuum*, quase sempre cronológico.

No grupo de trabalho, as narrativas orais que antecederam a escrita foram produzidas em encontros específicos para isto, reservando à escrita o caráter de atividade individual a ser realizada fora do espaço do grupo.

De acordo com Josso (2010), pela narrativa escrita o que se busca são os significados que cada um atribui ou atribuiu em cada período da sua existência aos acontecimentos e situações que viveu.

A construção da narrativa autobiográfica ativou o “contar sobre si” e “por si”. Com suas palavras, as professoras construíram suas histórias tomando suas próprias experiências de vida como substrato. O que ocorreu é que essa escrita, mesmo que tenha sido fruto de um exercício solitário foi influenciada pela existência do coletivo, traz as marcas das inúmeras interações não só entre nós, participantes do grupo, mas também do contexto, das pessoas, dos espaços de formação que constituem o sujeito.

Em decorrência dessa intensa implicação de uma biografia na outra, foi imprescindível que se criasse no grupo de trabalho um espaço de confiança e as condições para o florescimento do diálogo, do respeito sobre os diferentes pontos de vista. Eis que aqui entra em cena o conceito de escuta sensível como condição para emergir um olhar mais empático para a história do outro.

- Dinâmica 3- Dos percursos de formação aos processos de formação:

Esta dinâmica foi dedicada à reflexão sobre o percurso de formação, buscando explicitar os fios condutores ou tematizações que permitiram compreender as histórias narradas. Consideramos que foi aqui que se evidenciou mais claramente o trabalho interpretativo do coletivo, a partir das narrativas autobiográficas compartilhadas no grupo de trabalho.

Em alguns encontros, as narrativas escritas pelas professoras foram partilhadas e cada uma apresentou sua narrativa ao coletivo para que as demais participantes colocassem questões e/ou sugestões. Foi neste momento que apareceu fortemente o conceito de edição solidária (De La Fuente, 2007). Nesse processo foi crucial a exposição do sujeito perante o grupo, permitindo a leitura por outras pessoas, o que requer abertura a múltiplas interpretações, pontos de vista e possíveis edições.

Na partilha no grupo ou em sub-grupos ocorreu a abertura à diferentes leituras que, produtivamente, reconfiguraram as narrativas, levando cada autora à tomada de consciência sobre suas aprendizagens, sobre as lições adquiridas da experiência. Puderam reconhecer-se nas histórias, reconhecer-se a partir da reflexão partilhada.

O que tem ficado latente nos encontros do grupo de trabalho foi que o intercâmbio de leituras em torno das narrativas colocou em ação os infinitivos: “ler, escutar, conversar, escrever e durante a edição, sem dúvidas, reescrever” (DE LA FUENTE, 2007, p. 11), em uma interação dinâmica e produtiva, enfatizando ainda mais o aspecto formativo que o coletivo viveu. Compreendemos que junto à edição, a abertura disponível na escuta sensível foi primordial para se chegar a conhecer o outro, na sua complexidade, e desta forma, ajudá-lo a contar mais sobre sua história se guiando pela edição proposta solidariamente pelo grupo.

Referências

BARBIER, R. **Pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livros, 2007.

BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v.1, n. 4, p. 41-62, 2002.

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 dez. 2008, Seção 1, p. 1.

DE LA FUENTE, L. O. **Como editar pedagogicamente los relatos de experiencias?** Buenos Aires: Fundación Laboratorio de Políticas Públicas, 2007.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, p. 81-96, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/ceres/panorama>> Acesso em: 29 out. 2018.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.